

A MENSURAÇÃO DO SEXISMO AMBIVALENTE: MANUTENÇÃO DA SUA EVIDÊNCIA PSICOMÉTRICA EM JOVENS

2012

Nilton S. Formiga

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor no curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau (Brasil)

Joaquim Roberto S. Guedes

Roseane Gomes da Silva

Magdiel Rubem Filgueira de Oliveira

Alunos do curso de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau - JP (Brasil)

Email:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

O sexismo ambivalente é compreendido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo, avaliado no caso das mulheres como sexismo hostil e sexismo benévolo. Muitos estudos têm revelado a consistência fatorial dessa medida no Brasil e em outros países; especificamente, no Brasil, a utilização desse instrumento revela a existência do preconceito frente as mulheres, o qual é reconhecido na mesma direção que sujeitos de outros países. Este estudo tem como objetivo avaliar a manutenção dos indicadores psicométricos da medida estrutural das duas dimensões deste constructo. 209 homens e mulheres, com idade de 13 e 25 anos, responderam o inventário de sexismo ambivalente, o qual foi aplicado individualmente em instituições de ensino fundamental, médio e universitário. Os indicadores psicométricos, encontrados, calculados no programa AMOS GRAFICS 16.0, confirmaram a existência dos dois fatores, este, se assemelhou aos encontrados nos estudos brasileiros.

Palavras-chave: Sexismo, análise estrutural, acurácia

INTRODUÇÃO

O problema do preconceito e, especialmente, em relação à mulher, ocupa inúmeros espaços da sociedade contemporânea (por exemplo, no trabalho, na educação, etc.). Este é um fenômeno que tem se revelado, em sua manifestação, apenas uma parte, pois, existe muito mais formas e maneiras preconceituosas que não são vistas, principalmente, quando tal questão é assumida por condutas sutis ou camufladas. (Munanga, 2002; Pettigrew & Meertens, 1995; Tougas, Brown, Beaton & Joly, 1995).

O fenômeno do preconceito frente às mulheres é compreendido como sexismo. Mas, tal construto é conhecido como sexismo ambivalente; este é concebido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo (Formiga, Gouveia & Santos, 2002; Glick & Fiske, 1996). Este fenômeno é organizado sob duas formas, as quais são ambivalentes, justamente, por serem condutas indiretas e porque podem acarretar emoções negativas e positivas, tendo assim, uma dupla valência afetiva, especialmente, quando se considera sua prática e expressão discriminatória tradicional, as quais são:

- sexismo hostil é uma expressão flagrante, aberta e explícita do preconceito em relação às mulheres. Este tem sido extensamente tratado (Glick & Fiske, 1996; 2001), porém não permite compreender totalmente a direção que toma o sexismo na sociedade atual. Esta forma de sexismo, justificada a luz da busca de igualdade em direitos e deveres entre os gêneros (Siano, 2000), evidencia crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão;

- sexismo benévolo se constitui a partir das concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres, referindo-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção, proteção e provisão por parte dos homens (Pettigrew & Meertens, 1995).

Formiga, Gouveia e Santos (2002) adaptaram e validaram para o Brasil, o inventário de sexismo ambivalente, desenvolvido por Glick e Fiske (1996); a análise fatorial exploratória, em uma amostra de jovens universitários paraibanos, revelou índices de consistência interna e relação itens-fator, que contemplavam a dimensão do sexismo hostil e benévolo, semelhantes aos encontrados por Glick e Fiske (1996); também, em uma amostra de sujeitos brasileiros, Ferreira (2004) encontrou essa bi-dimensionalidade e com uma consistência interna aceitável estatisticamente; em direção semelhante a estatística realizada pelos autores supracitados,

Formiga (2005), comprovou mais uma vez que, tanto a relação itens-fator quanto os índices de consistência interna deste inventário.

Porém, a partir de uma crítica teórica e empírica, apontado por Formiga (2011), quanto a realização da análise exploratória do inventário de sexismo nos estudos supracitados, este autor, realizou uma análise fatorial confirmatória e de modelagem de equação estrutural, a qual, corroborou que o inventário de sexismo ambivalente se estrutura nas mesmas dimensões encontradas anteriormente, confirmando os estudos exploratórios. O fato é que, essa análise estrutural, vai além dos dados obtidos; ela considera um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes com poder de apresentar e indicar sobre a bondade de ajuste do modelo, associando teoria e empíria. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo avaliar, a partir da modelagem de equação estrutural o inventário de sexismo ambivalente, a bi-dimensionalidade de tal construto. Espera-se que as dimensões do sexismo continue se organizando como sexismo hostil e benévolo em amostras brasileiras.

MÉTODO

Amostra

Participaram do estudo 209 sujeitos, do sexo masculino e feminino (67%), com idades de 13 e 25 anos ($M = 18.21$; $DP = 3.14$), da rede de ensino pública e privada da cidade de João Pessoa – PB. Tal amostra foi não probabilística, e sim intencional; pois o propósito era garantir a validade interna dos instrumentos da pesquisa, era assegurada a possibilidade de realizar as análises estatísticas que se pretendia.

Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Inventário de Sexismo Ambivalente, ISA. Elaborado originalmente em língua inglesa (Glick & Fiske, 1996) e adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002) e Formiga (2005) para o contexto brasileiro. Este instrumento é composto por 22 itens (ver anexo) que avaliam as atitudes em relação às mulheres a respeito das duas dimensões do sexismo: hostil (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não apreciam completamente tudo o que os homens fazem por elas) e benévolo (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Para respondê-lo a pessoa deve ler cada item e indicar o quanto está de acordo com o conteúdo expresso, utilizando uma escala de quatro pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: **1 = Discordo Totalmente** e **5 = Concordo**

Totalmente. Em um estudo original desenvolvido por Formiga, Gouveia e Santos (2002), a partir de uma análise fatorial confirmatória, o inventário apresentou parâmetros psicométricos para a população brasileira com os seguintes indicadores de bondade de ajuste: $GFI = 0,77$ e $AGFI = 0,72$; $\chi^2/df = 3,18$; $RMSR = 0,10$.

Caracterização Sócio-Demográfica. Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (idade, sexo, estado civil, etc.).

Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento padrão que consistia em aplicar o ISA individualmente, na sala de aula, a cada sujeito. Aplicadores devidamente treinados ficaram responsáveis pela coleta dos dados; após conseguir a permissão dos transeuntes quando abordados, se apresentava como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos mesmos no sentido de responderem um questionário breve.

Foi-lhes dito que não havia respostas certas ou erradas, e que respondessem ao mais sincero possível após o aplicador ter finalizado sua afirmativa contida no instrumento; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os pesquisadores esteve presente durante toda a aplicação para o esclarecimento das dúvidas que se fizesse indispensável. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Nos estudos anteriores, utilizou-se o pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 16.0, para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas e os cálculos referentes ao Alfa de Cronbach (α). A análise fatorial confirmatória (AFC) será gerada no AMOS GRAPHICS (versão 16.0) para comprovar a estrutura do inventário de sexismo ambivalente.

Para realização da análise fatorial confirmatória (AFC), pretendeu-se testar a adequação do modelo em sua bidimensionalidade, assim, como propusera, originalmente, Glick e Fiske (1996) e com amostras brasileiras, observaram Formiga, Gouveia e Santos (2002), Ferreira (2004), Formiga (2005; 2011) em amostras brasileiras. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador ML (Maximum Likelihood). A AFC apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Byrne, 1989; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Kelloway, 1998; Tabachnick & Fidell, 1996; van de Vijver & Leung, 1997), por exemplo:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor, pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais

comum considerar sua razão em relação ao grau de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

- Raiz Quadrada Média Residual (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskög & Sörbom, 1989).

- O *Comparative Fit Index* (CFI) compara, de forma geral, o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

- NFI, varia de zero a um e pode ser considerado aceitável para valores superiores a 0,90. Caracteriza-se por ser uma medida de comparação entre o modelo proposto e o modelo nulo, representando um ajuste incremental;

- O Goodness-of-Fit Index (GFI) e o Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI) são análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um ajustamento satisfatório.

- A Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10 (Garson, 2003; Kelloway, 1998).

- O Expected Cross-Validation Index (ECVI) e o Consistent Akaike Information Criterion (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste.

RESULTADOS

A partir das análises exploratórias dos estudos no Brasil (Formiga, Gouveia & Santos, 2002; Ferreira, 2004; Formiga, 2005), bem como, da análise confirmatória (Formiga, 2011), buscou-se um maior rigor e critério psicométrico no presente estudo para a estrutura do inventário de sexismo ambivalente. Para isso efetuou-se com o pacote estatístico AMOS 7.0 uma análise fatorial confirmatória e modelagem de equação estrutural para as quatro amostras; hipotetizou-se a bifatorialidade do modelo de acordo com o que foi proposto nos estudos citados anteriormente.

A fim de testar a estrutura fatorial do Inventário de Sexismo Ambivalente considerou-se o modelo estrutural com dois fatores, de acordo com o já encontrado em outros estudos descrito previamente e que te a estrutura item-fator da seguinte forma: Sexismo Benévolo – ISA 01, ISA 03, ISA 06, ISA 08, ISA 09, ISA 12, ISA 13, ISA 17, ISA 19, ISA 20, ISA 22 e o Sexismo Hostil - ISA 02, ISA 04, ISA 05, ISA 07, ISA 10, ISA 11, ISA 14, ISA 15, ISA 16, ISA 18, ISA 21. Optou-se por deixar livre as covariâncias (ϕ) entre os fatores. Os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo se mostraram próximas as recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; van de Vijver & Leung, 1997). Os resultados obtidos nestas análises, observados, em negrito, na tabela 1, revelam que o melhor modelo para o Inventário de Sexismo Ambivalente foi o modelo bifatorial, em todas as amostras. Especificamente, os seguintes indicadores da qualidade de ajuste, apresentaram a seguinte razão: $\chi^2/df = 1.07$, GFI = 0.98, AGFI = 0.96, CFI = 0.99, NFI = 0.99, RMSEA (90%IC) = 0,02 (0.00-0.04), CAIC = 673.16 e ECVI = 1.62 (1.55-1.78).

Todas as saturações (Lambdas, λ) estão dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação proposta. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$) corroborando a existência de dois fatores para se avaliar o sexismo ambivalente: o sexismo *hostil* - expressão flagrante do preconceito em relação às mulheres e reflete antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão (por exemplo, As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; A maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas); e o sexismo *benévolo* - refere-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção e etc. (por exemplo, As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Observou-se um lambda positivo entre as duas dimensões – Sexismo hostil e benévolo ($\lambda = 0,62$) (ver figura 1); os alfas de Cronbach foram, respectivamente, de 0,75 a 0.83.

Considerando esses resultados, além de corroborar a bidimensionalidade da escala de sexismo ambivalente, previamente encontrada pelos autores supracitados; construto esse que expressa um conjunto de estereótipos quanto à avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal sobre o papel apropriado que cada indivíduo deve ocupar ou executar na sociedade (Glick & Fiske, 1996), tais achados reforçam a existência, ainda, do sexismo em sujeitos brasileiros, isto é, o preconceito em relação às mulheres ainda é encontrado. Um fato também, que merece destaque é quanto a relação entre as dimensões do sexismo, o quais, apresentaram lambdas (λ) positivos entre as dimensões, tal condição, aponta-se que na existência de uma das formas de sexismo, possivelmente, esta, poderá influenciar a outra forma discriminatória frente às mulheres.

Assim, confirmam-se, empiricamente, os resultados já encontrados por autores brasileiros e não brasileiros que o inventário, revelando, ainda, que esse inventário continua mensurando o

preconceito frente às mulheres, principalmente, quando considerar a condição de temporalidade e geopolítica. Essas condições destacam a fidegnidade na organização item-fator na avaliação do sexismo, assim, como o esperado: o sexismo benévolo é medido pelos itens, ISA 01, ISA 03, ISA 06, ISA 08, ISA 09, ISA 12, ISA 13, ISA 17, ISA 19, ISA 20, ISA 22), enquanto o sexismo hostil pelos itens, ISA 02, ISA 04, ISA 05, ISA 07, ISA 10, ISA 11, ISA 14, ISA 15, ISA 16, ISA 18, ISA 21.

De forma geral, o presente estudo, chama a atenção para a acurácia da mensuração do sexismo ambivalente e para a reflexão teórica quanto a esse fenômeno existir e vir se mantendo nas relações interpessoais, se não direta, em sua forma hostil (a qual deve ser inibida, pois é possível que a partir deste decorra-se a violência em relação às mulheres), mantém-se, indiretamente, em sua forma sutil frente às mulheres brasileiras (que também, deve ser inibida ou mesmo esclarecida, porque sendo sutil, poderá ser um problema quanto a identificação de sua manifestação na dinâmica social, pois, confunde-se com processos e práticas de educação, sensibilidade afetiva e romantismo das relações entre homens e mulheres).

Segundo Formiga, Gouveia e Santos (2002), mesmo com todas as mudanças na sociedade civil brasileira, embasadas na Constituição de 1988, principalmente no que se refere ao preconceito, especificamente, quanto à igualdade entre homens e mulheres; tomado essa reflexão, como princípio geral de conduta anti-sexismo, pode-se acompanhar um avanço em relação às oportunidades e os direitos das mulheres, mas não a superação dessa desigualdade, condição incentivadora para análise e novas pesquisas sobre sexismo no Brasil a fim de conhecer a amplitude desse problema, bem como, predizer conseqüências futuras sobre tal problema.

REFERENCIAS BIBLIGRÁFICAS

Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.

Ferreira, M. C. (2004). Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia*, 12 (21), 119–126.

Formiga, N. S. (2005). Estrutura fatorial do inventário de sexismo ambivalente a partir da análise dos eixos principais. *Psicólogo Informação*, 9 (9), 09-28.

Formiga, N. S., Gouveia, V. V. & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Revista Psicologia em estudo*, 7 (1), 105-111.

Formiga, N. S. (2011). Inventário de sexismo ambivalente: Um estudo a partir da modelagem de equação estrutural. *Salud & Sociedad*, 2 (2), 192 – 201.

Garson, G. D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Endereço de página Web: <http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm> (consultado dia 17 de maio de 2005).

Glick, P. & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512.

Glick, P. & Fiske, S. T. (2001). Ambivalent stereotypes as legitimizing ideologies: Differentiating paternalistic and envious prejudice. In J. T. Jost & B. Major (Eds.) *The psychology of legitimacy: Ideology, justice, and intergroup relations* (pp. 278-306). New

York: Cambridge University Press

Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E.; Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.

Joreskog, K., & Sorbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.

Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Munanga, K. (2002). Prefácio. Em: I. Carone e M. A. S. Bento (Orgs.). *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (pp. 9-11). Petrópolis: Vozes.

Pettigrew, T. F. & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European journal of social psychology*, 25, 57-75.

Siano, J. A. (2000). *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. São Paulo: Editora Rideel.

Tougas, F., Brown, R., Beaton, A. N. & Joly, S. (1995). Neosexism: Plus ça change, Plus c'est pareil. *Personality and social psychology behavior*, 21 (8), 842-849.

Van de Vijver, F.; Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.